

## As infâncias de Benjamin, uma possibilidade de experiência com o moderno

*Eduardo Oliveira Sanches\**

**Resumo:** Na criança, o desvio, a repetição, os sentidos, são setas que apontam para o jogo, a brincadeira, a vivência lúdica sensorial necessária para ampliar no humano a faculdade mimética. Tal capacidade contribui para que a criança consiga se adaptar e transformar o mundo em seu entorno. Benjamin radicaliza essa ideia e busca, nas memórias da infância, alternativas para uma experiência com a modernidade. Assim, visamos compreender neste estudo como o desvio se constitui como método e se confunde, em Benjamin, com funções da mimese; refletir sobre as situações vividas ainda no campo sensorial da infância e que se transubstanciaram no Benjamin da maturidade em experiência estética, portanto formativa. Por fim desenvolvemos uma hipótese de que a infância com problemática benjaminiana transita por uma dupla demanda: pensar a formação da criança e, ao mesmo tempo, resgatar a ideia dessa infância como infância do homem, como experiência.

**Palavras-chave:** Infância. Experiência Formativa. Estética. Lúdico. Profanação.

### The childhoods of Benjamin, a chance to experience the modern

**Abstract:** In the child, the deviation, the repetition, the senses, are arrows that point to the game, the play, the ludic sensorial experience necessary to expand the human mimetic ability. Such capacity contributes so the child is able to adapt and transform the world in his/her surroundings. Benjamin radicalizes this idea and seeks, in his childhood memories, alternatives to an experience with modernity. This way, we intend to understand in this study how the deviation constitutes a method and is confused, in Benjamin, with mimesis functions; to reflect on the situations still lived in the sensory field of childhood and that transubstantiated in the Ben-

---

\* Doutor em Educação pela UNESP/Presidente Prudente. Fonte de financiamento: FAPESP Processo: 2013/21152-3/CAPES Processo: BEX 7915/14-4. *E-mail:* eduardo.uem@hotmail.com

jamin from the maturity in aesthetic experience and therefore, formative. Finally, we developed a hypothesis that childhood with Benjaminian problematic has a double demand: to think about the formation of the child and, at the same time, to rescue the idea of this childhood as the childhood of man as an experience.

**Keywords:** Childhood. Formative Experience. Aesthetic. Ludic. Desecration.

### **Les enfances de Benjamin, une chance de faire l'expérience du modern**

**Résumé:** Chez les enfants, le déviation, la répétition, les sens sont des flèches qui pointent vers le jeu, l'expérience sensorielle ludique nécessaire pour agrandir la faculté mimétique humaine. Cette capacité permet aux enfants de s'adapter et de transformer le monde autour d'eux. Benjamin a radicalisé cette idée quand il a cherché dans les mémoires d'enfance, les alternatives pour avoir une expérience de la modernité. Dans ce travail, nous cherchons à comprendre la déviation comme une méthode chez Benjamin qui se confond avec des fonctions de la mimesis et qui s'est transformée chez le Benjamin de la maturité dans une expérience esthétique, donc, formative. Enfin, nous avons développé une hypothèse qu'il y a une double exigence à l'enfance comme problématique chez lui: penser la formation de l'enfant et, en même temps, sauver l'idée de l'enfance comme l'enfance de l'homme, comme une expérience formatrice.

**Mots-clés:** Enfants. Expérience formatrice. Esthétique. Enjouement. Profanation.

### **Introdução**

O relógio no pátio da escola parecia estar danificado por culpa minha.  
Marcava à hora “atrasado”.

*(Walter Benjamin)*

Mil e novecentos! Ano que demarca, por um lado, o fim de um século no qual se consolidou o Capitalismo pela relação capital trabalho (MARX, 1988) e de outro o início de um século em que ele é reafirmado

por meio do processo de circulação de mercadoria, tanto como material simbólico – indústria cultural –, quanto como bens de todos os tipos e para todos os gostos (HORKHEIMER; ADORNO, 1985). É no epicentro deste contexto, no qual a burguesia em ascensão na América passa a imprimir o “*The American way of life*” como marca e, na Europa, o movimento Nazi, perturbadoramente, está organizado e atuante, é que Benjamin afirma (1994): as ações da experiência estão em baixa. A linha que demarca essas profundas transformações históricas foi a mesma que separou e uniu Benjamin a si mesmo, quando ele escreveu o conjunto de ensaios organizados na forma da obra “*Infância berlinense: 1900*” (2013a). Nesse sentido, quanto mais ele se aproximava das imagens de sua infância mais se distanciava de si, pois ele as transsubstanciava em uma profunda experiência estético-filosófica, cujo sentido era refletir sobre a experiência da grande cidade por meio da percepção de uma criança da classe burguesa nos primórdios do século XX (BENJAMIN, 2013a).

Nesse sentido, a tese que propomos para este estudo visa compreender a experiência estética em ensaios sobre infância na obra de Benjamin. Ou seja, na dialética entre o passado e o tempo presente, o pensador tensiona, nega e mantém a criança da infância no adulto ‘quarentão’. Em tal movimento, a temporalidade recursiva da criança possibilita opor-se a temporalidade progressista e a linearidade do tempo presente de Benjamin. Assim, enquanto ele relata um conjunto de imagens que rememora do tempo de infância, descreve também como a sensorialidade infantil, de olhar errante, insaciável, pululante, sutilmente contribuiu para inaugurar um senso estético. No ensaio “*As cores*”, o autor narra vários episódios e cenários que o marcaram pelo mesmo atributo sensorial. As cores surgem na relação com ambiente de seu quintal, ora imerso nos pigmentos da aquarela, eventualmente no brilho multicolor das bolhas de sabão ou no arco-íris que saltava das embalagens que cobriam os chocolates. Nesta última imagem, a dos chocolates, Benjamin afirma que aquelas cores antes mesmo de abastecerem os desejos do paladar, saciaram, primeiramente o olhar. O pensador demonstra como as lacunas destas memórias coloridas criaram um vínculo

com o tempo presente, que transformou o aspecto lúdico do jogo sensorial provocado pelas cores – a *aesthesis* – em uma experiência coletiva e histórica, necessária e social centrada em princípios estéticos (BENJAMIN, 2013a). Esta é uma espécie de encruzilhada na qual a sensação é inscrita no campo da sensibilidade; uma passagem ou fenda por meio da qual uma experiência estética se anuncia em oposição ao inenarrável da condição do tempo presente de Benjamin. Assim, nos alerta Bolle (1984), de certo modo, ao resgatar o ambiente cultural na transição entre o século XIX e o século XX, Benjamin não somente revisita o olhar do adulto, mas, ao mesmo tempo, de certa maneira, ele também se reencontra com o olhar da criança em relação ao mundo, a sensibilidade e os valores dela.

Na Escola de Frankfurt, os pressupostos da Teoria Crítica, centrados nos ensaios de Theodor Adorno, Max Horkheimer e Walter Benjamin, produziram um constructo teórico que demarca a potencialidade formativa das manifestações estéticas, bem como as finalidades adaptativas dos estereotipados estéticos característicos do contexto da Indústria Cultural. Por meio da trajetória estabelecida, propomos relacionar infância, estética e experiência formativa, a partir das pistas benjaminianas sobre o tema.

### **Das sensações à experiência**

Pegamos o telefone que o menino fez com duas caixas de papelão e pedimos uma ligação com a infância.

*(Millôr Fernandes)*

O desvio como método na obra benjaminiana (GAGNEBIN, 2005; 2006; LÖWY, 2005; 2013) é algo perturbador tanto quanto fundamental. Compreender o contemporâneo a partir dos cacos da história; por meio de personagens como a prostituta ou o *flâneur* (BENJAMIN, 1989); a interrogar outras ainda em definição com o caso da infância em 1900 (BENJAMIN, 2002; 2013a); ou ainda tensionando a reflexão em meio a pensamentos complexos como o Romantismo Alemão, o materialismo e o judaísmo (LÖWY, 2005); são trilhas que fundamentam o olhar

benjaminiano se não em toda, em parte significativa da obra dele. Ele demonstra ainda, nessa forma de aproximação em desvio que faz da realidade, como a relação entre a adaptação e a autonomia, contribui para constituir o ser humano sobre o signo experiência da modernidade (MITROVITCH, 2011; GAGNEBIN, 2005; 2006).

Nesse contexto de complexas mudanças sociais que compõe a tessitura moderna, Benjamin ressalta como as transformações da urbanização e o ritmo da produção da vida imprimiram profundas alterações sobre o aparelho perceptivo e as exigências da sensorialidade humana. Os sentidos educados, até então sob o ritmo da vida artesanal, passaram a ser estimulados e reestruturados para atenderem as demandas da maquinaria (VAZ, 2010; SANCHES; FABIANO, 2014). Sobre esses aspectos da sinestesia, encontramos nos escritos sobre a infância importantes e ricas análises. Entre tantos exemplos, ele cita as mudanças nas características da boneca que, em tempos de produção artesanal, eram menores que no momento da industrialização. Evidencia ainda a transformação na matéria prima que passa a ser principalmente o plástico, bem como as modificações no tamanho, na forma, na funcionalidade e na falta de originalidade das bonecas pelas características da produção em série (BENJAMIN, 2002). Essas são marcas da modernidade projetadas sobre a vida da criança e que contribuíram para reorganizar a sensorialidade infantil na perspectiva industrial. A cidade em tal contexto se torna o local de referência de onde emergem os modelos que passaram a educar os sentidos do corpo, adestrando sua ação.

Se, além disso, fizermos uma reflexão sobre a criança que brinca, poderemos falar então de uma relação antinômica. De um lado, o fato apresenta-se da seguinte forma: nada é mais adequado à criança do que irmanar em suas construções os materiais mais heterogêneos – pedras, plastilina, madeira, papel. Por outro lado, ninguém é mais casto em relação aos materiais do que crianças: um simples pedacinho de madeira, uma pinha ou uma pedrinha reúnem na solidez, no monolitismo da matéria, uma exuberância das mais diferentes figuras. E ao imaginar para crianças bonecas de bétula ou de palha,

um berço de vidro ou navios de estanho, os adultos estão na verdade interpretando a seu modo a sensibilidade infantil. Madeira, osso, tecido, argila, representam nesse microcosmo os materiais mais importantes, e todos eles já eram utilizados em tempos patriarcais, quando o brinquedo era ainda a peça do processo de produção que ligava pais e filhos (BENJAMIN, 2002, p. 92).

A citação possibilita explorar o conceito de experiência a partir dos dispositivos de adaptação e das possibilidades de autonomia inerentes ao processo de formação cultural. Percebemos a importância que Benjamin dá no sentido de polarizar a ação da criança que brinca no limiar da adaptação e da autonomia. Se por um lado ele propõe que a criança cria a partir dos restos que encontra aqui e acolá, por outro demonstra o poder da pressão social que determina situações que colonizam o imaginário infantil. No entanto, quando a criança desvia daquilo que é tido como convencional, subindo no escorregador quando a norma manda descer, descendo pelos atalhos onde os dispositivos disciplinares mandam subir; ao resgatar do descarte toda forma de lixo, resto ou resíduos; ela transforma o mundo marginal e periférico em instrumentos de sua subjetivação. Nesse caso, no brincar e pelo brincar, a criança mescla modelos socialmente aprendidos com os sentidos imaginados por ela, produzindo formas de reinterpretar a realidade. Assim, a união entre mundo interno e externo, imaginário e realidade, se desdobra em uma terceira via como atalho para que as vivências sensoriais da vida infantil se transubstancie, aos poucos, em experiência formativa.

As crianças são inclinadas de modo especial a buscarem todo e qualquer local de trabalho onde visualmente transcorre a atividade sobre as coisas. Sentem-se irresistivelmente atraídas pelos resíduos de construções, no trabalho de jardinagem, ou doméstico, na costura ou na marcenaria. Em produtos residuais reconhecem o rosto que o mundo das coisas volta exatamente para elas, e para elas unicamente. Neles, elas menos imitam as obras dos adultos do que põem materiais de espécie muito diferentes, através daquilo que com elas aprontam no brinquedo, em uma nova, brusca relação entre si. Com isso as

crianças formam para si seu mundo de coisas, um pequeno no grande, elas mesmas (BENJAMIN, 1987, p. 16).

Nesse sentido, Benjamin “distingue dois momentos principais da atividade mimética especialmente humana: não apenas reconhecer, mas produzir semelhanças. Essa produção mimética caracteriza a maior parte dos jogos, das brincadeiras infantis” (GAGNEBIM, 1993, p. 80). A ação mimética permite a criança manipular variáveis importantes do próprio aprendizado como a temporalidade, o ritmo, a repetição, por meio de recursos lúdicos. Portanto, a criança não brinca somente de atividade considerada humanas como ser professor ou enfermeiro, ela brinca de ser cavalo, pássaro, carro, avião, pois “a atividade mimética sempre é uma mediação simbólica, ela nunca se reduz a uma imitação” (GAGNEBIN, 1993, p. 80).

Para a criança, suas experiências vão sendo constituídas, ampliadas e re-significadas por inúmeros processos miméticos (GRIGOROWITSCHS, 2010; 2011). À medida que ela se torna casa, macaco, motorista ou balão ela experimenta possibilidades, limites e transgressões da própria corporeidade. Tal processo de exploração de si e do mundo inaugura e amplia a carga de significação da criança.

O pensamento da criança ainda na sua essência plástica é determinado através destas primeiras impressões, que mais tarde irão pré-formar as possibilidades de percepção e de vivência. A sensação e o pensamento do adulto são marcados pelas coisas, imagens e alegorias codificadas simbolicamente e mergulhadas no interior da criança. Nestas primeiras experiências de tempo e espaço, cultura e história, enraíza-se a vida da criança (GEBAUER; WULF, 2004, p. 142).

A mimese, no contexto de nosso estudo, deve ser entendida como um processo importante, pois também se caracteriza como desvio. No processo mimético a coisa nunca é, ela apenas se assemelha. O caminho nunca é em linha reta e sim por atalhos, pois na mimese “a semelhança não existe em si, imutáveis e eternas, mas são descobertas e inventadas

pelo conhecimento humano de maneiras diferentes, de acordo com as épocas” (GAGNEBIN, 1987, p. 80). Essa não linearidade e estado quase anárquico das possibilidades da mimese permitem às vivências infantis situações de resistência e autonomia frente à vida administrada. Essa perspectiva revitalizadora da ação mimética que emerge do mundo sensorial e reverbera em dimensão estética é o ponto central da próxima sessão.

### **Caleidoscópios e camaleões**

Eu penso renovar o homem usando borboletas.  
*Manoel de Barros*

Os ensaios benjaminianos sobre a experiência da infância em Berlin contêm inúmeras imagens de absorção mimética das galerias, parques, ruas, bosques, praças, casas, alamedas, cômodos. A interpretação que ele, criança, tinha da realidade, o modo mágico de decifrar o mundo, seriam articulados por Benjamin somente anos mais tarde. Assim surge na lembrança os esconderijos,

“a criança escondida atrás da cortina torna-se ela própria algo de esvoaçante e branco, um fantasma. A mesa da sala de jantar. Debaixo da qual se acocorou, transformando-a em um ídolo num templo em que as pernas torneadas são as quatro colunas” (BENJAMIN, 2013a, p. 102-103).

No decorrer do ensaio, o autor continua formando imagens que vão sendo extraídas das memórias e, como num movimento de mimese de si mesmo, como quem usa a infância como objeto de similitudes para e no adulto, ele liga tais lembranças preenchendo as lacunas com novos conteúdos de sentido.

Na medida em que o autor, naquela altura com 40 anos, mergulha na memória de sua infância, ele recupera o mundo da cultura de seus pais; mas, concomitantemente, nessa volta ao tempo, recupera em certo sentido a maneira de ver da criança, a sensibilidade e os valo-

res dela, e, sob esse ângulo, o livro se lê como se fosse um relato de criança para criança, à margem da cultura adulta (...) os escritos de Benjamin sobre cultura da criança não a considera um lugar idílico ou sentimental à parte, para onde se refugia o pessimismo da história, mas um lugar envolvido pela grande luta político-ideológica dos escritores alemães da época (BOLLE, 1984, p. 13).

É, portanto, a partir da noção de memória em que se articula infância, estética e experiência para o pensador. Nesse sentido, Benjamin chama a atenção para a demissão política de suas reflexões e mostra a partir das imagens que emergem das memórias dele, traços de uma da cultura da criança e um forte sentido ético-estético presentes nela. Assim, conforme afirma Gagnebin (2005), interessa a ele elaborar certa experiência com a infância vivida em Berlin.

Uma característica relevante à nossa abordagem é o estar aberto para o mundo, próprio da vida infantil, que apresenta uma tendência a fazer história dos restos que ela recolhe aqui e acolá. A criança produz seus resíduos históricos ao criar, “um pequeno mundo inserido no grande” (BENJAMIN, 1987, p. 18-19) e faz isso por meio do modo como significa o que foi descartado: brincando, colecionando, fantasiando, (re)atribuindo sentido ao mundo. Essa atitude lúdica (SANCHES, 2007) pode ser considerada profundamente profanadora no sentido que Agamben (2007, p. 67) explora o conceito. “Isso quer dizer que o jogo libera e desvia a humanidade da esfera do sagrado, mas sem a abolir simplesmente”.

É interessante notar, nesse sentido, que Benjamin associa a imagem do narrador, como figura que remonta tempos ancestrais para abordar um modo peculiar de se construir experiências formativas e associa essa concepção ao brincar. No texto “Brinquedos e jogos”, ele estabelece uma correspondência entre narrar e o universo infantil que é expresso do seguinte modo:

O adulto, ao narrar uma experiência, alivia o seu coração dos horrores, goza duplamente uma felicidade. A criança volta a criar para si todo o fato vivido, começa mais uma vez do início. Talvez resida aqui a

mais profunda raiz do duplo sentido nos “jogos” alemães: repetir o mesmo seria o elemento verdadeiramente comum. A essência do brincar não é um “fazer como se”, mas um “fazer sempre de novo”, transformação da experiência comovente em hábito (BENJAMIN, 2002, p. 101-102).

A repetição, uma característica do brincar, proporciona à criança uma temporalidade que a permite incorporar a experiência numa autonomia progressiva. Em “A escrivaninha”, o autor demonstra essa atitude lúdica e profanadora da criança, quando afirma: “nada mais reconfortante do que permanecer assim cercado dos instrumentos da minha tortura – vocabulários, compassos, dicionários – num lugar onde não valiam suas reivindicações” (BENJAMIN, 1987, p. 113). A escrivaninha, que remete aos bancos escolares, é descrita como um lugar do qual a criança tem domínio e, portanto, contiguidade, ao contrário do que ocorre no contexto escolar.

Frequentemente, ao voltar da escola, a primeira coisa que eu fazia era festejar meu reencontro com a escrivaninha, ao mesmo tempo em que já a transformava no palco de uma de minhas ocupações prediletas – a decalcomania, por exemplo. Num instante, no lugar antes tomado pelo tinteiro, surgia uma xícara de água morna, e eu começava a recortar as figurinhas (BENJAMIN, 1987, p. 112).

A decalcomania – como atitude lúdica profanadora – devolveu ao uso comum a escrivaninha, rompendo com o tom consagrado e sisudo que a ela é atribuída no contexto escolar. Essa inversão de poder na relação com o consagrado aparece na passagem que demonstra que passatempos como aquele o dotavam de poder para adiar o momento de fazer o dever de casa, ou seja, poder para manipular a temporalidade de seu aprendizado. A infância, nos termos benjaminianos, inverte o mundo adulto, permitindo uma experiência com as coisas, com a cidade, com a história, diferente daquela já marcada pelas demandas do mundo do trabalho e da circulação de mercadorias.

Na relação entre consagrado e profano percebemos que o primeiro “tem a ver com o exercício do poder, o que é assegurado remetendo-o a um modelo sagrado [o banco escolar]; a segunda desativa os dispositivos do poder e devolve ao seu uso comum o espaço que ele havia confiscado [a escrivaninha]” (AGAMBEN, 2007, p. 68). Esse olhar infantil, movediço e desviante, sobre o sagrado se contrapõe ao olhar do adulto, enrijecido e instrumentalizado, mascarado. Benjamin, estrategicamente, retoma os labirintos das memórias de infância para afirmar o que foi negado pela história oficial, pela história consagrada, narrada pelo viés dos vencedores. Conforme observa Benjamin, o capitalismo historicamente foi se constituindo como um tipo peculiar de religião, que tornou sagrado e objeto de culto permanente o seu modo de ser (LÖWY, 2013; BENJAMIN, 2013b). Nesse caso, a infância é tomada alegoricamente como um contraponto ao ambiente litúrgico desta religião, pois o olhar incoerente da criança pode romper, tencionar, os aspectos instrumentais inerentes àquela. Para Agamben (2007, p. 71), “profanar significa restituir ao uso comum o que havia sido separado na esfera do sagrado”. O que “não significa simplesmente abolir e cancelar as separações, mas fazer delas um uso novo, a brincar com elas” (AGAMBEN, 2007, p. 75).

Entre as imagens que Benjamin colecionava da infância, o corcunda é uma personagem que ele escolhe explorar. Recorrente em fábulas, contos, canções e poemas, para o autor, o significado desta personagem extrapolam os limites das páginas dos livros infantis. No ensaio “O corcundinha”, que compõe a obra “Infância berlinense: 1900”, Benjamin utiliza a personagem como um símbolo das relações de aproximar e distanciar de si que ocorrem mimeticamente por meio do jogar na infância e, deste modo, pode ser compreendida com a possibilidade de ser sujeito, de autodeterminação.

Eles provavelmente sabem mais coisas desse corcunda. De mim não se aproximou. Só hoje sei como se chamava. Foi minha mãe quem me disse. “Já chegou o desastrado!”, dizia ela quando eu quebrava

alguma coisa ou caía. Agora entendo o que ela queria dizer. Referia-se ao anãozinho corcunda que tinha olhado pra mim (BENJAMIN, 2013a, p. 114).

É característica da ação mimética a necessidade do esvaziar-se parcial e momentaneamente de si para que a outra substância possa fazer parte de quem realiza o exercício da mimese. Assim, como no mimetismo infantil, estar fora de si é imprescindível para se tornar árvore, onde o corcundinha se encontrava nunca estava o pequeno Benjamin – “Onde ele aparecesse, quem ficava a perder era eu. E o que eu perdia eram as coisas, até que no decorrer do ano o jardim se transformava em um jardimzinho, meu quarto num quartinho e o banco em um banquinho” (BENJAMIN, 2013a, p. 114). Essa experiência ocorre em um duplo sentido, primeiramente ela é sempre o olhar e a reflexão do adulto que, ao recordar, reconstitui a lacunas por meio do prisma do presente, em busca das trilhas ainda não percorridas.

“Nesse sentido, a lembrança da infância não é idealização, mas, sim, realização do possível esquecido ou recalçado. A experiência da infância é a experiência daquilo que poderia ter sido diferente, isto é, releitura crítica do presente da vida adulta” (GAGNEBIN, 2005, p. 179).

E em segundo sentido, destaca-se a infância em si, como experiência de uma criança burguesa no limiar entre os séculos XIX e XX.

Assim, Benjamin constitui a imagem de uma infância que traz como possibilidade para a criança inverter o mundo adulto, transformá-lo, profaná-lo. Tal condição permite uma experiência com as coisas, com a cidade, com a história, diferente daquela já marcada pelas demandas do trabalho e do mercado, pela “máscara do adulto” para usarmos uma terminologia benjaminiana.

A idéia de uma infância como uma <<substância psíquica>> pré-subjetiva revela-se então um mito, como aquela de um sujeito pré-linguístico, e infância e linguagem parecem assim remeter uma à outra em um círculo no qual a infância é a origem da linguagem e

a linguagem a origem da infância. Mas talvez seja justamente neste círculo que devemos procurar o lugar da experiência enquanto infância do homem. Pois a experiência, a infância que aqui está em questão, não pode ser simplesmente algo que precede cronologicamente a linguagem e que, a uma certa altura, cessa de existir para versar-se na palavra, não é um paraíso que, em um determinado momento, abandonamos para sempre a fim de falar, mas coexiste originalmente com a linguagem, constitui-se aliás ela mesma na expropriação que a linguagem dela efetua (AGAMBEN, 2008, p. 59).

Para o autor, a condição de mudez, que caracteriza o ser humano ao nascer, se traduz como imagem alegórica da infância do homem marcada pela ausência e, portanto, pela busca da linguagem. Um estar aberto para sair da condição de não falante para a condição de falante; não como algo cronológico, mas com algo que produza “cada vez mais o homem como sujeito”, (AGAMBEN, 2008, p. 59), dotado da capacidade de produzir e transformar a cultura.

A imagem de uma infância do homem funda a ideia de “fazer experiência do ser falante” (AGAMBEN, 2008, p. 17). Tal qual a criança que sem fala articulada se lança e se arrisca em meio ao vazio inicial da vida, e, portanto, cheio de possibilidades. A infância do homem é pensada como espaço de possibilidades em um mundo reificado e, nessa vertente, como contínuo processo de ampliação do mundo e das significações pela redescoberta da(s) linguagem(s).

### **Apontamentos finais**

*Love All – Amem a todos  
Crianças da Palestina refugiada*

As imagens da infância evocadas por Benjamin nos ajudam a pensar a própria ideia de infância como signo de possibilidades. Autores como Gagnebin, Agambem, Vaz evidenciam que uma aproximação

possível deste sentido da infância vem da própria significação originária da palavra que designa no prefixo *in-* a negação, a falta ou a ausência de alguma capacidade. Nesse caso o recurso da fala se apresenta com destaque, pois é pela sua ausência inicial e sua aquisição contínua – a condição de falante – é que faz do humano um ser com capacidade de plena abertura ao mundo.

Por outro lado, pensar a infância significa refletir sobre os processos de educação dos sentidos; a infância como problemática e como alegoria da ideia de experiência. Nesse quadro, percebemos que o foco não pode ser apenas a dimensão filosófica da condição moderna de ser criança, mas deve ser também pensar o processo da educação sensorial e de institucionalização que a infância tem sofrido atualmente. Dizemos isso pensando que ela, enquanto categoria sociológica, deve ser considerada a partir das necessidades da formação da criança. Benjamin alerta e insiste em chamar a atenção para a postura adultocêntrica frente à infância. Ele chama de “mascara do adulto” a suposta experiência do adulto frente à ausência desta na criança. Esse aspecto é retomado quando Benjamin fala com preocupação sobre os efeitos regressivos da propaganda ideológica nazista na formação da juventude.

A infância com problemática benjaminiana transita, portanto, por essa dupla demanda: pensar a formação da criança e, ao mesmo tempo, resgatar a ideia dessa infância como infância do homem, como experiência. Como seria pensar a infância do homem, como categoria filosófica, quando o referencial não é uma criança burguesa em Berlim em 1900 e sim uma criança na Palestina refugiada, sem família e em condições precárias em 2014? A tarefa de reflexão e ação que, de certa forma, Benjamin propõe é das mais sérias e, portanto, necessária.

Em que espelho perdi minha face?

*Cecília Meireles*

## Referências

- AGAMBEN, Giorgio. *Profanações*. São Paulo: Boitempo, 2007.
- \_\_\_\_\_. *Infância e história: destruição da experiência e origem da história*. Belo Horizonte: UFMG, 2008.
- BENJAMIN, Walter. *Obras escolhidas II*. São Paulo: Brasiliense, 1987.
- \_\_\_\_\_. *Obras escolhidas III*. São Paulo: Brasiliense, 1989.
- \_\_\_\_\_. *Obras escolhidas I*. São Paulo: Brasiliense, 1994.
- \_\_\_\_\_. *Reflexões: a criança, o brinquedo e o brincar, a educação*. São Paulo: Duas Cidades; Ed. 34, 2002.
- \_\_\_\_\_. *Rua de mão única: infância berlinense: 1900*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2013a.
- \_\_\_\_\_. *O capitalismo como religião*. São Paulo: Boitempo, 2013b.
- BOLLE, Willi. Walter Benjamin e a cultura da criança. In. \_\_\_\_\_. *Reflexões: a criança, o brinquedo e o brincar, a educação*. São Paulo: Summus, 1984. p. 13-16.
- GANGNEBIN, Jeanne Marie. Do conceito de mimesis no pensamento de Adorno e Benjamin. *Perspectivas*: São Paulo, 1993. p. 67-86.
- \_\_\_\_\_. Prefácio: Walter Benjamin ou a história aberta. In. BENJAMIN, Walter. *Obras escolhidas I*. São Paulo: Brasiliense, 1994.
- \_\_\_\_\_. *Sete aulas sobre, linguagem, memória e história*. Rio de Janeiro: Imago 2005.
- GEBAUER, Günter; WULF, Christoph. *Mimese na cultura: agir social, rituais e jogos, produções estéticas*. São Paulo: Annablume, 2004.
- GRIGOROWITSCHS, Tamara. Jogo, mimese e infância: o papel do jogar infantil nos processos de construção do self. *Revista Brasileira de Educação*, v.15, n. 44, p. 230-246, maio/ago. 2010.

\_\_\_\_\_. *Jogo, mimese e socialização: os sentidos do jogar coletivo na infância*. São Paulo: Alameda, 2011.

HORKHEIMER, Max; ADORNO, Theodor. W. *Dialética do esclarecimento: fragmentos filosóficos*. Rio de Janeiro: Zahar, 1985.

LÖWY, Michael. *Walter Benjamin - Aviso de incêndio: uma leitura das teses "Sobre o conceito de história"*. São Paulo: Boitempo Editorial, 2005.

\_\_\_\_\_. Prefácio – Walter Benjamin, crítico da civilização. In: \_\_\_\_\_. *O capitalismo como religião*. São Paulo: Boitempo, 2013. p.7-21.

MARX, Karl. *O capital: crítica da economia política*. São Paulo: Nova Cultural, 1988.

MITROVITCH, Caroline. *Experiência e formação em Walter Benjamin*. São Paulo: Editora Unesp, 2011.

SANCHES, Eduardo Oliveira. *Lúdico e experiência formativa: convenções ideológicas e emancipação social*. 109f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Estadual de Maringá, Maringá, Paraná, 2007.

SANCHES, Eduardo Oliveira; FABIANO, Luiz Hermenegildo. Lúdico e limites foemativos no contexto da Indústria Cultural. *Comunicações*, Piracicaba, Ano 21, n. 2, p. 161-172, jul./dez. 2014.

VAZ, Alexandre Fernandes. Educação, experiência, sentidos do corpo e da infância (um estudo experimental em escritos de Walter Benjamin). In: \_\_\_\_\_. *Experiência, educação e contemporaneidade*. Marília: Po-ésis Editora, 2010. p. 35-49.

Data de registro: 08/09/2014

Data de aceite: 18/11/2015